

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE GUARATUBA  
CURSO DE PEDAGOGIA

LIDIANE ROCHA

**O MITO DA AVALIAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DE SUA  
DESMISTIFICAÇÃO  
NA ATUALIDADE EDUCACIONAL**

GUARATUBA  
2021

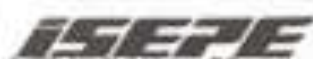
LIDIANE ROCHA

**O MITO DA AVALIAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DE SUA  
DESMISTIFICAÇÃO  
NA ATUALIDADE EDUCACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na modalidade Artigo Científico - apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Instituto Superior de Educação de Guaratuba – Faculdade Isepe - como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Professora Josililian Alberton

GUARATUBA  
2021



## TERMO DE APROVAÇÃO

A acadêmica **LIDIANE ROCHA** apresentou e defendeu o Trabalho de Conclusão de Curso – na modalidade Artigo Científico - intitulado **"O MITO DA AVALIAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DE SUA DESMISTIFICAÇÃO NA ATUALIDADE EDUCACIONAL"** para a obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia, sendo julgado adequado e aprovado em sua forma final pela Banca Examinadora do Curso de Pedagogia.

Guaratuba, 24 de novembro de 2021.

\_\_\_\_\_  
Professora Especialista: Trindade dos Santos de Freitas  
Coordenadora do Curso de Pedagogia

Apresentado à Comissão Examinadora, integrada pelos professores:

\_\_\_\_\_  
Professora orientadora Especialista: Josiliane Alberton

\_\_\_\_\_  
Professora Especialista: Marlene Motta Barbosa

Avaliadora

\_\_\_\_\_  
Professora Mestre Karyna Brunetti Lucinda

Avaliadora

## O MITO DA AVALIAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DE SUA DESMISTIFICAÇÃO NA ATUALIDADE EDUCACIONAL

Autor<sup>1</sup>: Lidiane Rocha

Orientador<sup>2</sup>: Josililian Alberton

### RESUMO

O presente estudo é resultado de uma pesquisa bibliográfica que tem como tema O mito da avaliação e a importância de sua desmistificação na atualidade educacional. Com os conceitos e discussões de vários autores foi possível perceber como ainda na atualidade a avaliação é vista pelos alunos e principalmente o que isso provoca em termos de ensino e aprendizagem afetiva. Na sequência dos estudos percebe-se que realmente o que precisa ser levado em grande consideração é a responsabilidade que o professor precisa entender-se como mediador do processo de conhecimento e utilizar métodos dos quais auxilie o aluno não enxergar a avaliação como uma punição, já que para o educando é assim que ela é vista ainda na atualidade. Entende-se na realização e decorrer dos estudos que falta ao professor olhar de empatia que respeite a singularidade e o tempo do aluno, para só assim poder ser feita uma aprendizagem significativa dentro de uma educação mediada com maestria por um professor que realmente entenda da práxis pedagógica no século XXI.

**Palavras-chave:** Mito. Avaliação. Desmistificação. Atualidade. Educacional.

### 1 INTRODUÇÃO

A educação institucional sempre teve um propósito objetivo, claro e comum que seria ensinar a todos o mesmo conteúdo proposto pelas escolas, usando o mesmo método na maioria das vezes. As escolas precisam apresentar notas para progressão ano/série, não primando pela singularidade de cada aluno nem mesmo tendo observância sobre o que respalda a lei no que tange a informação sobre a

---

<sup>1</sup> Aluna do 8º período do Curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação de Guaratuba – Faculdade Isepe. E-mail: [lidirocharodrigues@gmail.com](mailto:lidirocharodrigues@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade Fernando Pessoa, Portugal; Professora no Instituto Superior de Educação de Guaratuba – Faculdade Isepe - [josililian@isepe.edu.br](mailto:josililian@isepe.edu.br)

qualidade do aprendizado. Em educação, precisamos nos ater a muitas questões para que o aprendizado aconteça efetivamente e sempre nos perguntarmos por qual motivo os alunos não estão aprendendo? E por que cada vez mais para se obter as notas os alunos sofrem tanto?

A resposta é tão clara como a luz do dia e está em diversos livros cujos autores tentam ajudar, porém sem êxito. Faltam aos professores se atualizarem, terem empatia e principalmente entender que a flexibilização curricular se faz emergente, tendo em mente que todos os alunos são diferentes e, portanto, aprendem de formas diferentes, respeitar suas singularidades e acima de tudo olhar para esse aluno como alguém que quer aprender e precisa de ajuda, faltam aos professores em sua grande maioria, evolução acadêmica científica para poder entender as demandas dos sujeitos aprendentes de nossa atualidade.

É notório que os alunos temem a prova porque apesar de estarem preparados para ela têm medo dos números que esta valerá, como se um número realmente provasse o que o aluno aprende ou não. Há uma grande pressão psicológica por parte dos professores para que os alunos saibam tudo como se fossem robôs. Se no dia da suposta avaliação o professor inovasse realmente. É preciso legitimar a responsabilidade que cabe ao professor mediante ao ensino mediador que possa favorecer a construção de um conhecimento necessário e que não vise apenas notas e conceitos, sem jamais esquecer que a passagem pela escola também é primordial para o convívio social e o preparo para o mundo. Nesse sentido, esta pesquisa questiona: como desmistificar a avaliação que sempre é motivo de insegurança aos sujeitos da educação formal, e trazer a luz o seu verdadeiro e maior sentido. Afinal a avaliação deve ser a vilã no processo da aprendizagem educacional?

A avaliação sempre existiu, dita sem reservas por todas as instituições de ensino formal, para que pudéssemos perceber a evolução dos alunos durante o processo de ensino e aprendizagem desde a Educação Básica até o Ensino Superior, uma formalidade desde sempre, que causa insegurança, medo, desespero, tenção, desmotivação, entre tantos outros sentimentos. A avaliação sempre foi quantitativa e sem nenhuma preocupação com diferentes instrumentos que a mesma pode acrescentar. Entender como cada educando se apresenta para e na aprendizagem, possibilita planejamento de maneira adequada, na execução da avaliação, e entrega de maneira significativa de resultados efetivos, amparados pela lei.

Este artigo tem por justificativa a reflexão acerca da desmistificação sobre a avaliação se faz emergente, visto que ainda hoje, século XXI, os educandos encontram-se sobre forte pressão dentro das realidades institucionais educacionais, quando o tema é avaliação. Esta realidade decorre de diversos fatores: escolas paradas no tempo e espaço, professores malformados e mal pagos, total desconhecimento das leis que regem a avaliação significativa, por parte da comunidade educacional, entre outros. Estas dificuldades resultam em estatísticas alarmantes de ressignificados da educação formal, e não mais aceitáveis para o tempo em que nos encontramos de total automatização e protagonismo.

Com objetivo de atrair atenção relevante para o tema, o estudo apresentará, sem pretensão de esgotar o assunto, os equívocos cometidos quando falamos em avaliação educacional, ao mesmo tempo que trará à luz, perspectivas de reflexão para uma avaliação significativa e que se sustente na real aprendizagem de cada sujeito participante deste processo.

O estudo tem por foco desmistificar as ações infundadas de que a “prova” é que apenas prova o conhecimento eminente do sujeito aprendiz escolarizado, criando desta forma, abismos imensos entre a memorização e o real conhecimento. Com incentivo a mais que ratifica a importância deste estudo, este tema poderá trazer à luz importantes reflexões e desta forma incentivar professores e educandos e toda a comunidade escolar, a se inteirarem das mais diversas possibilidades de se dizer do ato de aprender.

Como objetivo geral pretende-se refletir sobre a desmistificação da avaliação que sempre é motivo de insegurança aos sujeitos da educação formal, e trazer a luz o seu verdadeiro e maior sentido. E como objetivos específicos descrever como a avaliação se apresenta na LDB e quais suas finalidades para a aprendizagem, em consonância com a lei; descrever os descaminhos e equívocos na avaliação institucional e o que isto acarreta na aprendizagem significativa; refletir sobre quais os pontos a serem observados para que a avaliação seja significativa e o que realmente sustenta o verdadeiro aprendizado de cada educando; demonstrar que precisamos desmistificar a avaliação e entender seu real valor para a aprendizagem.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

O estudo proposto para este projeto se dará através de pesquisas bibliográficas de alguns autores que contribuíram positivamente para a construção de um novo olhar para a avaliação da aprendizagem e desmistificar assim possíveis ideias errôneas sobre esta que é considerada aterrorizante, entre tantos outros adjetivos. Para muitos autores a pesquisa bibliográfica se faz necessária como meio para definir problemas já existentes como também para possibilitar novas formulações de problemas sobre o assunto ainda não esgotadas, como é o caso dessa pesquisa, permitindo assim, novas análises e enfoques possibilitando situações inovadoras.

Para Lakatos e Marconi (1996, p.183) a pesquisa bibliográfica:

Abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, livros pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, etc., até meios de comunicação... Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que já foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto[...] (1996, p.183).

Conforme Gil (1987, p.17):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequação formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados (GIL, 1987, p.17)

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

3.1. Como a avaliação se apresente na LDB e quais suas finalidades para a aprendizagem, em consonância com a lei

O que é Avaliação (2013) Avaliação é o substantivo feminino que significa ato de avaliar, ou remete para o efeito essa avaliação. Pode ser sinônimo de estimativa ou apreciação. No âmbito da pedagogia, a avaliação escolar é um processo sistematizado de registro e apreciação dos resultados obtidos em relação metas educativas estabelecidas previamente. A avaliação escolar é importante pois ela serve para verificar se os conteúdos administrados pelo professor foram assimilados pelos seus alunos, porém o método de avaliação é que não pode ser o mesmo sempre. O

que ainda conseguimos perceber em pleno século XXI é que infelizmente muitos professores ainda estão presos em um método tradicional que pouca ajuda e valoriza a qualidade de ensino aprendizagem do aluno.

Hoffmann (2013) afirma que avaliação em educação tem o significado de ter um olhar diferenciado para as várias etapas do desenvolvimento do aluno, não só o aprender a ler, mas também os vários sentimentos pelos quais ele passa durante o processo de ensino e aprendizagem. A autora enfatiza a importância de os professores terem uma boa relação com os alunos pois estes precisam de bons mediadores de conhecimento.

É fundamental que alunos e professores tenham uma boa relação pois além de ficarem um bom tempo juntos, é comprovado que quando se tem afinidade e um professor criativo o desenvolvimento do aluno será sempre maior porque este estará motivado não só a frequentar a escola como também a aprender cada vez mais e melhor.

Pensando em melhorar o ensino aprendizagem dos educandos criaram a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) que foi assinada pela primeira vez em 1961 com a lei 4.024/61, depois a lei 5.692/71 e finalmente a lei 9.394/96 que é a mais importante lei brasileira que se refere à educação e que regulamenta o sistema educacional do Brasil que é garantir uma educação gratuita e de qualidade. Não foi apenas a nomenclatura das leis que mudaram ao longo dos anos, mas também o que estava inserido dentro destas como a estrutura de ensino e a escolaridade dos docentes, visando assim melhorar o sistema educacional que outrora além de não ser para todos, também tinha um índice alarmante de analfabetismo e o Brasil era considerado uma pátria “mal educada”.

De acordo com o Art. 205 da Constituição Federal, de 05 de outubro de 1988, “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, 1988).

Também conforme o Art. 2 da LDB, de 20 de dezembro de 1996, “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu



preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, 1996).

O que vigora na lei são os direitos adquiridos de todos que queiram ter acesso à educação, visando tornar o educando um sujeito com desenvolvimento humano global para que este possa dentre tantas coisas ser crítico, justo, responsável, solidário e com muito esforço criar uma sociedade realmente democrática.

Ainda segundo o Art. 24 da LDB, de 20 de dezembro de 1996, “A educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns: **V** - a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios: a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;”

Nesse sentido Hoffmann (2013, p. 147),

No Brasil não temos clareza de princípios e rumos no que se refere à avaliação da aprendizagem principalmente nas escolas públicas. Nem mesmo a LDB é conhecida ou devidamente interpretada por gestores e escolas no quesito avaliação. Essa lei estabelece claramente preceitos de avaliação contínua e formativa que a grande maioria dos regimentos escolares não segue, uma vez que ainda determinam métodos quantitativos e não qualitativos de aferição do desempenho escolar. (HOFFMANN, 2013, p. 147).

Ainda que esteja garantido em lei que a avaliação tem de ser qualitativa e não quantitativa, infelizmente não é o que acontece na maioria das escolas por total falta de preparo por parte das escolas e conseqüentemente dos professores. Eles continuam presos em um processo educativo arcaico que apenas soma notas, tornando assim o aluno um simples número sem qualquer preocupação com este nem tampouco com seu futuro que nessa fase da vida é incerto se levar em consideração as notas obtidas pela avaliação. A avaliação qualitativa deveria sempre prevalecer pois visa o caminho da aprendizagem e principalmente nesse modelo de avaliação valoriza-se a capacidade e a singularidade do aluno.

Uma coisa também muito importante e que se deve levar em consideração é que aplicada a avaliação quantitativa, estes números contrários à qualidade de ensino em termos percentuais não ajudam em nada o aluno da escola pública a ingressar em uma universidade, isso porque houve apenas a preocupação com números e decorebas, mas em nenhum momento pensou-se no que realmente o educando

estava aprendendo. Esse mesmo educando também dificilmente sairá da escola consciente de seus direitos e deveres tampouco com uma visão aguçada e crítica para vida afora. O professor não pode ser o detentor do saber e sim um mediador de conhecimento e andar de mãos dadas com seu aluno.

### 3.2. Os caminhos e equívocos na avaliação institucional e o que isto acarreta na aprendizagem significativa

De acordo com Werneck “sua prova não pode ser uma ameaça, ela deve gerar tranquilidade, sobretudo porque você já sabe, por outras fontes, que os alunos sabem” (WERNECK,2012, p.44).

Impossível o aluno não sentir medo quando sabe que haverá prova e isso é facilmente explicado pois o professor usa uma linguagem que o deixa apavorado pelo simples fato de saber que a prova é uma testagem de seu conhecimento como se apenas ela bastasse quando na verdade o correto seria se valer de outros métodos para ajudar na construção de seu conhecimento que até mesmo o professor sabe que este aluno possui e não o tratar apenas como mais um número em sala de aula.

Para Hoffmann (2013, p. 152) “Avaliar envolve um conjunto de procedimentos didáticos cuja finalidade é acompanhar o aluno em seu percurso de aprendizagem, durante o qual ocorrem avanços e/ou retrocessos em múltiplas dimensões”.

Os alunos desde sempre sentem medo e até pavor quando se fala em avaliação e tudo isso acontece porque eles assimilaram a avaliação como um castigo ou punição, visto que se não tirassem boas notas na prova seriam reprovados ou ficariam em recuperação. Percebe-se que em nenhum momento se pensou realmente no aluno ou em suas singularidades, utilizando a mesma prova, mesmo método, sem flexibilização curricular quando necessário e o aluno cada vez mais com medo e fizeram da avaliação um mito que esta realmente seria a culpada e o professor apenas um cumpridor de um sistema arcaico e obsoleto que não sustenta a lei que o rege. Entendemos que existam professores que conseguem ser exceção à regra.

Demo (2009) sustenta que o foco central da avaliação não deveria ser a nota e sim o que realmente importa que é o desafio da aprendizagem para se ter apoio pedagógico. Que o aluno é avaliado como garantia de aprender, mesmo com tantos problemas que a avaliação tem que não são poucas. Há uma cobrança para que o

aluno produza em quantidade toda semana, porém o que se pede é uma reprodução do que foi estudado em sala de aula e não algo construído pelo aluno. O autor deixa muito claro que o uso dos livros didáticos deveria ser usado como material de pesquisa ou referência para que o aluno também possa procurar em outras fontes como eletrônicos, por exemplo. A escola deve sim ter muitos livros com variedades diversas para instigar o aluno, com o intuito de que é preciso ler para escrever com qualidade e que lemos para nos tornarmos autores.

Há muitos autores renomados pela academia como os utilizados neste estudo afirmam e reafirmam que os métodos avaliativos que estão sendo usados atualmente estão demasiadamente defasados, visto que as leis mudaram, o mundo vem mudando constantemente e com isso a necessidade de atualização por parte das escolas e principalmente dos professores que deveriam se preocupar mais com a qualidade de conteúdos a serem ministrados do que com a nota que nada mais é do que um número altamente alterável, pois não prova que um aluno sabe mais ou menos em determinado momento. Esse péssimo hábito extremamente ultrapassado de que os alunos têm de assistir aula mecanicamente depois reproduzir exatamente igual em trabalhos e provas de nada vai ajudá-los a possuírem domínio de conhecimento.

Werneck (2012) faz uma comparação um tanto reflexiva entre adestrar os animais e ensinar os alunos em sala de aula. Ele enaltece as diferenças que cada um tem, dizendo como seria no mínimo muito estranho se um adestrador quisesse ensinar coisas a determinados animais que não condizem com sua própria natureza em si como ensinar o lagarto a voar ou uma águia a nadar e isso seria uma prova para determinar se eles estariam aptos a viver na floresta. Seguindo a lógica todos seriam reprovados. O autor afirma que na escola o que acontece é isso, não existe uma preocupação com as diferenças que todos os alunos têm. Por isso tanta desmotivação, reprovação e desistência por parte dos alunos, como conseguir estar na escola onde não há preocupação com o real valor do aluno nem tão pouco com aquele que requer mais atenção para aprender, esquecendo assim do respeito às diferenças que todos deveriam ter para com seus alunos.

Essa questão do respeito à diversidade dos educandos é de extrema relevância pois é um ponto chave no processo de ensino aprendizagem. Impossível dizer a um aluno o tempo exato para fazer uma atividade se cada um aprende no seu tempo e do seu jeito. Ensinar coisas que condizem com sua realidade é uma iniciativa muito

importante também pois mostra que o professor realmente se preocupa com que o aluno consiga aprender. O que deveria acontecer é o professor incentivar o caminho, mas deixar que os alunos possam trilhar por eles mesmos, incentivá-los a sair de suas gaiolas, não ficando presos a métodos tradicionais antiquados demais para o século em que estamos.

Segundo Werneck (2012, p.11),

Temos vários professores exatamente iguais ao João-de-Barro. Eles constroem alguma coisa nas mentes e corações de seus alunos, observando o contexto deles como o pássaro observa e sente o vento, procura perceber a segurança, o interesse e está atento aos perigos que rondam suas classes. Este professor quer deixar algum legado para seus alunos e, neste sentido, trabalha. Os meses vão passando e ele vai construindo a casa do saber, com a porta aberta ao ar e protegida, ao mesmo tempo, contra a tempestade. Ele não é o único a construir, sabe da necessidade da complementaridade de alguns colegas seus, mas, em última análise, ele quer desenvolver a futura vida que nascerá dentro de sua classe. E este nascimento será, sem dúvida, o ponto de partida para estabelecer os alicerces da cidadania. (WERNECK, 2012, p.11)

É desse modelo de professor que a escola e principalmente os alunos precisam. Um professor que tenha um olhar significativo para seus alunos e faça com que eles aprendam conforme o seu tempo e sem pressa, um professor que constrói tudo no seu tempo e que terá seus objetivos alcançados.

Conforme Moretto (2010) muito se tem escrito e falado sobre avaliação, mas as dúvidas prevalecem, os pontos de vista aumentam e as experiências variam. Enquanto o sistema escolar gira ao redor desse processo, professores e alunos se organizam em função dele. O autor enfatiza que os professores e os pesquisadores precisam estudar mais para compreender o real valor da avaliação no processo de ensino aprendizagem.

Werneck (2012) acredita que as crianças dentre tantos obstáculos não conseguem aprender porque precisam primeiro entender. Para o autor a melhor maneira de entender e aprender é fazendo exercícios para fixação na memória da criança. Tudo que ouvimos fica armazenado na nossa memória de trabalho ou memória de curta duração que fica localizada em uma parte do nosso cérebro denominado cérebro límbico, com a criança não é diferente.

Portanto fica claro que o autor quis dizer que se a criança não fizer exercícios para fixar o que ouviu em sala de aula depois de uma noite de sono a memória de curta duração não passará para a memória de longa duração e tudo será esquecido.

Cabe ao professor fazer o seu melhor como educador e fazer com que a criança entenda o assunto.

Nesse sentido, IZQUIERDO (2002, p.54/55),

“O papel da memória de curta duração é, basicamente, o de manter o indivíduo em condições de responder através de uma “cópia” da memória principal, enquanto esta ainda não tenha sido formada. Para isto, a memória de curta duração não sofre ao longo das 4-6 horas em que se pode estimar sua duração máxima; a partir desse intervalo, ela passa a ser gradativamente substituída pela memória de longa duração.” (IZQUIERDO,2002, p.54/55).

Ainda segundo IZQUIERDO (2002) as memórias de longa duração não ficam definidas inalteravelmente ou permanecem de imediato depois de adquiridas. Existe um processo que leva essas memórias a ficarem definitivamente armazenadas e podendo ser utilizadas ao longo de dias ou anos chamada de consolidação.

Quando a criança começa a frequentar a escola já nos anos iniciais existe uma certa cobrança para que ela aprenda a ler, escrever, desenhar ou pintar dentro dos espaços delimitados, entretanto não se diz a essa criança o motivo pelo qual tantas coisas novas e diferentes ao mesmo tempo e que ela nem sabia que existiam e nem sabe para que servem. A criança tem que entender primeiro para só depois aprender, isso sim faz todo o sentido.

Para Werneck (2012) o que falta aos professores e administradores da educação é a consciência de que os seres humanos não são todos iguais e têm suas diferenças. Que não podem querer, portanto, que todos sejam bons em tudo pois seria uma estratégia enciclopedista e que isso apenas atrapalha o desenvolvimento do ser humano com a cidadania e não traz benefícios para seu aprendizado que deve ser sadio e competente.

Ainda falta muito, infelizmente, para que se tenha um real aprendizado significativo, um olhar para aquele aluno que quer realmente aprender e não consegue por falta de empatia com sua singularidade e seu tempo, por métodos enciclopedistas retrógrados e até mesmo o descaso com a educação. O comodismo tomou conta de boa parte dos mediadores de conhecimento que querem, em pleno século XXI, que os alunos sejam bons em tudo, porém não querem se adaptar as novas mudanças educacionais que fariam com que o educando tomasse à frente de sua educação com perfeição.

### 3.3. Precisamos desmistificar a avaliação e entender seu real valor para a aprendizagem

Mitos são narrativas utilizadas pelos povos gregos antigos para explicar fatos da realidade e fenômenos da natureza, as origens do mundo e dos seres humanos. Os mitos se utilizam de muita simbologia, personagens sobrenaturais, deuses e heróis. Estes componentes são interligados com fatos reais, características humanas e pessoas que realmente existiram. O objetivo principal do mito era transmitir conhecimento e explicar tudo aquilo que era importante na vida das pessoas.

O conhecimento mítico era transmitido através de rituais, danças, sacrifícios e orações, mas principalmente pela figura do rapsodo<sup>3</sup>. Acompanhados de um instrumento musical, a lira, esses poetas declamavam as narrativas míticas, entretinham e educavam as pessoas. Um mito também pode ter a função de manifestar alguma ideia de forma clara ou de dar explicações e tornar o mundo conhecido para as pessoas.

Mito nem sempre é utilizado no seu sentido original, também é usado em referência as crenças comuns que não tem fundamento objetivo ou científico. Porém, acontecimentos históricos podem se transformar em mitos, se tiver uma simbologia muito importante para uma determinada cultura. Um mito não é um conto de fadas ou uma lenda, mas a própria verdade para aqueles que compartilham desse tipo de conhecimento.

Partindo do significado do que seria um mito fica mais coerente afirmar que mito é uma verdade que existe, mas que na maioria das vezes não se comprova ou está aquém da realidade vigente. A base desse estudo é justamente mostrar que a avaliação atualmente é vista como a grande inimiga dos educandos por justamente implicar em determinar que uma prova seria o suficiente para medir seus conhecimentos sem levar em consideração outros aspectos do dia a dia como o próprio estresse em ter que realizar a avaliação.

De acordo com Hoffmann (2013) a contagem das notas representa uma contagem de erros e acertos nas tarefas escolares, mas, na maioria das vezes, são “inventadas” a partir de juízos de valores por parte dos professores, mas para os

---

<sup>3</sup> **Rapsodo** é o nome dado a um artista popular ou cantor que, na antiga Grécia, ia de cidade em cidade recitando poemas. O rapsodo não é acompanhado de qualquer instrumento. Durante a declamação, fica geralmente em pé e segura um ramo de loureiro, símbolo de Apolo.

alunos essas notas além de não ficarem claras ao final do bimestre/semestre ainda os deixam sem saber por onde ou podem continuar seus estudos.

Esse trauma da avaliação pode-se dizer que é algo cultural pois acontece desde sempre e mesmo com tantas reflexões e estudos comprovados que isso apenas diminui o rendimento escolar como também contribui com o fracasso escolar parece de nada adiantar. Seria bem mais fácil desmistificar a avaliação, se os professores fizessem uso de tudo que aprenderam em suas faculdades, especializações e afins.

Nesse sentido Hoffmann (2013) afirma que não há mudança sem sofrimento pois ele exige entre outras coisas renúncia, disciplina e dedicação. A autora afirma que a pergunta que deveria ser feita para os professores é se sua prática deveria ser modificada e que se eles não compreenderem o significado de inovações, as resistências aparecerão, pois, todos gostam de mudar, mas ninguém quer ser mudado.

Pensando desta maneira encontram-se alguns obstáculos. Primeiramente o professor deveria fazer uma autoavaliação e entender a importância da mesma em condução de suas práticas educacionais. Deveria constantemente parar, analisar, observar para finalmente traçar novos caminhos para a aprendizagem e a isso dizemos que a meta avaliação deve se fazer presente na condução da aprendizagem significativa.

Para Hoffmann (2011) um processo contínuo de autoavaliação está no centro da relação entre educadores e educandos. O estudante tenta aprender, mas não consegue e o professor sabe como o estudante deveria agir ou o quê deveria aprender, porém também sabe que não adianta mostrar ou ensinar porque ele mesmo deve construir conceitos ou atitudes para seu próprio aprendizado e ambos desenvolvem processos reflexivos para encontrar a melhor forma de prosseguir nesse caminho para uma aprendizagem verdadeiramente significativa.

Nesse sentido Depresbiteris (1999) diz que a meta avaliação consiste nela própria avaliar sua atuação técnica, seus padrões éticos e legais, sua validade política. A importância da meta avaliação é a confiabilidade de suas conclusões e das recomendações finais de suas ações.

Com estes conhecimentos prévios poderiam implementar em suas aulas a transdisciplinaridade e isso sim faria com que qualquer aluno aprendesse qualquer matéria pois se o professor tem domínio do que fala consegue ensinar qualquer assunto. Levar o aluno a perceber que tudo se conecta e não se limitar ao eterno copiar e decorar sem nenhum sentido e sim conhecer o mundo fora dos padrões estabelecidos dentro do currículo que muitas vezes não condiz coma realidade do aluno. Mas para se utilizar esses métodos precisaria de um pouco mais de empenho da parte de alguns professores, conhecendo novas abordagens educacionais assim como o importante significado da transdisciplinaridade. Infelizmente a falta de empenho da formação continuada significativa e o não reconhecimento social sobre a importância da educação, tem colocado a aprendizagem em declínio de forma geral.

No primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade 1994, foi criado uma Carta da transdisciplinaridade para definir o conceito transdisciplinar:

Artigo 3: “(...) A Transdisciplinaridade não procura a dominação de várias disciplinas, mas a abertura de todas as disciplinas ao que as atravessa e as ultrapassa.”

Artigo 7: A transdisciplinaridade não constitui nem uma nova religião, nem uma nova filosofia, nem uma nova metafísica, nem uma ciência das ciências.”

O objetivo da transdisciplinaridade na escola é proporcionar um ensino mais lógico e racional, oferecendo um aprendizado mais eficiente aos alunos. Eles terão então, uma maior chance de entendimento de todas as matérias em conjunto, e podem até ter experiências com trabalhos que unem todas as matérias estudadas.

Nesse sentido, Hoffmann (2013, p. 160) destaca que “O pecado dos “ditos exames” é ter como finalidade julgar e atribuir notas finais em vez de servirem de indicadores para a ação mediadora do educador.”

Assim sendo, Moretto (2010) evidencia que tem sido demasiadamente difícil avaliar a aprendizagem tanto para os professores e alunos. Nas conversas entre o corpo docente quando o assunto é avaliação o sentimento de desanimo é geral e a frase é sempre a mesma que a avaliação é o problema e esta é o nó que não desata atrapalhando professores e alunos.

Nítido perceber o desespero dos alunos por uma nota e a total falta de preparo de professores quem muitas vezes não tem ideia do que estão fazendo em sala de



aula, ou melhor, apenas cumprem um protocolo e que também se apavoram por não saber como resolver o grande dilema que é a avaliação escolar.

O mito da caverna é uma alusão à nossa realidade atual apesar de ser uma metáfora criada por Platão entre 380 e 370 a.C. A história nos diz de pessoas que viviam dentro de uma caverna desde a infância, sem nunca terem saído de lá, vendo apenas sombras e ecos em uma parede paralela à sua frente. Para essas pessoas o que elas viam naquele pequeno espaço era tudo o que existia no mundo, porém um dia alguém conseguiu se libertar e fugir.

Assim que saiu da caverna fica perdido não entendendo sua volta verdadeiramente, com o passar do tempo começa a perceber um mundo cheio de coisas novas, das quais este jamais imaginou existir. Vontade em voltar para o conhecido se fez incessante, mas continuar era preciso.

Muitas vezes é difícil sair da nossa ignorância que nos toma por séculos de colonização humilhante, da nossa zona de conforto que nos estabelece em padrões de verdades obtusas. Bem mais fácil acomodar-se com o aquilo que temos e que está ao nosso alcance mesmo que não nos represente, nos confunda, nos humilhe. O mundo está repleto de coisas novas, muito conhecimento e para termos acesso a esse mundo precisamos ir além do senso comum que nos impede de caminharmos outros caminhos. Precisamos nos fortalecer para que possamos construir a educação como algo de real valor e para isso precisamos vivenciar, experienciar, estar junto porque é sem dúvida no coletivo das ideias e das atitudes que as realidades se apresentam.

Para Moretto (2010) conhecer o contexto social dos alunos é essencial no processo de ensino aprendizagem. Não é necessário que o professor conheça um por um de seus alunos, mas do grupo como um todo, podendo a partir desses conhecimentos trabalhar valores, conceitos, linguagens e atitudes. Ter conhecimento psicológico e cognitivo dos alunos auxilia o professor a agir com equidade em seu planejamento e estratégias de ensino.

Vivemos em uma era de preguiça e comodismo devido ao grande avanço da tecnologia, a mídia nos mostra um padrão de tudo que para eles é o certo, as pessoas tem preguiça de buscar seu próprio conhecimento e se contentam com aquilo que está mais perto e fácil de ter em mãos. As pessoas não percebem que estão cada dia mais construindo suas próprias cavernas enquanto o mundo aqui fora cresce desgovernado e sem se preocupar com as minorias.

3.4. Quais os pontos a serem observados para que a avaliação seja significativa e o que realmente sustenta o verdadeiro aprendizado de cada educando

De acordo Moretto (2010) para ter sucesso no ensinar é necessário traçar claramente os objetivos de seu ensino e que mesmo parecendo óbvio nem todos os professores o fazem. Alguns “improvisam” ou não nem os fazem, outros acreditam que não precisam porque sabem todo o conteúdo, alguns por falta de tempo mesmo por estarem sobrecarregados e ainda existem aqueles professores que ouviram alguém mencionar que os objetivos era “coisa’ da escola tradicional ou da tecnicista.

Extremamente importante para o ensino aprendizado do aluno que o professor tenha seus objetivos sempre traçados, mesmo que este acredite não precisar e ter seus motivos, os quais não ajudarão em nada nosso educando. O que se deve levar em conta que sem objetivos não tem como se fazer nada de qualidade e com o conteúdo que os educandos merecem, mas principalmente jamais esquecer que se o professor está em sala de aula não é para fazer qualquer coisa e sim uma educação de respeito. Respeito esse que ele se propôs quando decidiu lecionar.

Para Moretto (2010) a importância dos objetivos para o ensino e a avaliação da aprendizagem deve ter o mesmo valor das estratégias para usá-las em sala de aula e que dessa escola dependerá o sucesso da aprendizagem.

De acordo com Hoffmann (2013) o aprender na escola atualmente é mais complicado do que “tirar boas notas ou passar no vestibular”, os estudantes necessitam ter sua autoestima resguardada, identificar-se como cidadãos, conviver com as diferenças, constituir valores morais e principalmente adquirir confiança nos adultos que compõem o corpo docente da escola.

Confiança sempre é a base de tudo e na escola não é diferente pois os alunos veem em seus professores um exemplo a serem seguidos como seres humanos, mesmo que alguns professores nem percebam isso. O que importa realmente é ensinar tudo que estiver ao alcance deles para que os educandos se tornem pessoas capazes de mudar o mundo com seus conhecimentos.

Para Demo (2009) o conceito de “saber pensar” não deve ser diminuído por críticas severas como se a “cabeça” fosse o centro de tudo, já que o cérebro não é somente responsável pela racionalidade, mas também pela emoção e a

espiritualidade. E a nota é uma parte triste nisto tudo por ainda se prender de uma maneira equivocada que é a reprodução copiada de conhecimento copiado.

Para que o aluno tenha um ensino aprendido é exigido em uma concepção tradicionalista copia e cola, o que além de não deter nenhum conhecimento ainda não se preocupa com os sentimentos acometidos nessa relação avaliação/nota. O corpo e a cabeça têm que estar bem para um bom desempenho acadêmico e para tanto uma preocupação ou um olhar para esse aluno é essencial para um aprendizado realmente significativo.

Moretto (2010) é essencial que o professor saiba perguntar e também ouvir, levar em consideração que nem sempre a pergunta elaborada por ele terá a Conforme resposta que ele quer ouvir porque esta dependerá de como o aluno a compreenderá dentro de seu entendimento cognitivo e social, e portanto, o professor deverá analisar esse contexto e não o seu para a resposta às suas perguntas.

A importância de saber respeitar o tempo de cada um e espaço em que o educando está inserido determina sem dúvida alguma o grande poder do professor em respeitar o aluno e fazer com que o ensino aprendido tenha seu real valor não só para o professor, mas principalmente para o aluno, visto que cada um vive num espaço diferente do outro e, portanto, as realidades podem ser extremamente opostas.

Segundo Hoffmann (2013) os caminhos da educação na atualidade reforçam a importância de um olhar mais profundo para as atividades avaliativas para se obter aprendizagens significativas e que os conceitos de avaliar e aprender devem ser compreendidos extensivamente para se ter uma educação de qualidade.

Hoffmann (2013) conta a história vivenciada por ela mesma em um colégio particular do nordeste de uma menina de 13 anos, a quem chamou de Laura, que cursava o quinto ano e a quem todos os professores já haviam desistido de ensinar, pois segundo eles, ela já era um caso sem solução, visto que não sabia ler, não era participativa, tinha somente notas baixas, mal se ouvia sua própria voz e, portanto, os professores não conseguiam ver nenhuma chance de mudança por parte dela. Em uma reunião com a supervisora, os pais contaram que ela tinha sérias limitações desde pequena e que eles já haviam levado Laura para consultas com especialistas e que em casa não era diferente da escola em termos de vontade em fazer qualquer

coisa. O grande diferencial nesta história da Laura foi a supervisora que tomou a frente em tudo, reajustando-a não só em sala de aula como também ensinando-a a ler e se ver como ela realmente era, sem olhares maldosos e tampouco julgadores. O que a supervisora fez foi com que ela aprendesse no seu tempo, respeitando seus limites e a encorajando para sempre melhorar, justamente o que estava faltando por parte dos professores que diante das dificuldades simplesmente a abandonaram e se esqueceram do real propósito em ser um mediador de conhecimento para todos, sem exceção.

Conforme Hoffmann (2013, p.161) “A avaliação é uma atividade ética e, como tal, nos envolve como seres humanos. Tomamos decisões em sala de aula a partir do que somos e do que sabemos porque avaliar revela nossas posturas diante da vida”.

#### **4 DISCUSSÃO E RESULTADOS**

Este estudo teve uma proposta bibliográfica com o intuito de desmistificar a avaliação como vilã no processo de ensino aprendizagem e sua importância na atualidade educacional como processo integrado no desenvolvimento cognitivo, na educação escolar. Para a pesquisa bibliográfica foram utilizados: Demo (2009), Hoffmann (2009), Moretto (2010), Werneck (2012), entre outros que contribuíram significativamente para este estudo.

Demo (2009) acredita que não se deve renegar a avaliação e sim melhorar os sistemas de avaliação, saber olhar para o aluno e realmente enxergar, criar um ambiente acolhedor em que eles possam ser bem mais que professor e aluno, construindo assim um elo para uma melhor aprendizagem. Saber se posicionar para ser um educador e não um instrutor, inovar diante de dificuldades de aprendizagem, estudar sempre para estar preparado para os obstáculos que aparecem em seus caminhos e oferecer sempre o melhor, assim como motivar e desafiar sempre o aluno. Ter em mente que em uma avaliação, o mais avaliado é o professor e se esta não foi bem a culpa é sim do professor.

Para Hoffmann (2009) os aspectos culturais são determinantes em uma avaliação, visto que o contexto sociocultural de professores e alunos interfere em seus juízos de valor estabelecidas. A autora afirma que a escola precisa olhar para essas crianças e adolescentes que estão desamparados, desassistidos por negligência da

família que muitas vezes é desestruturada. A escola deve ser acolhedora, não pode existir exclusão e que o maior objetivo da escola, assim como dos professores não é tirar boas notas e sim ensinar cidadania, autoestima, ter valores morais, respeitar as diferenças dos outros, ter confiança no corpo docente e que as crianças e adolescentes precisam de um ambiente sadio sem tensões e punições para se tornarem indivíduos responsáveis e críticos. E novamente a importância de um olhar de respeito para esse aluno que muitas vezes não consegue aprender porque pode estar com fome, triste, depressivo e ninguém percebe porque o importante é apenas ensinar o que der sem se preocupar com o bem estar desse educando.

Conforme Moretto (2010) em uma concepção tradicional ainda nos dias atuais, a avaliação é uma devolutiva do aluno para o professor, exatamente igual, o que Paulo Freire chamou de “pedagogia bancária”. Não existe criatividade nem tampouco interpretação alguma, apenas repetição e que desta forma fica clara a relação professor-aluno que é de dominação, autoritarismo por parte do professor e submissão por parte do aluno e extremamente prejudicial para a formação do educando.

Werneck (2012) afirma que para que o aluno tenha uma boa prova é preciso ter um ambiente tranquilo e de confiança com um cronograma bem específico para o dia, como por exemplo fazer uma revisão, lembrar quanto tempo os alunos tem para realizar a avaliação, entre outras coisas. O autor ensina como se comportar diante de uma cola em sala de aula, o que é bastante comum e que o que o professor deve fazer é apenas excluir a questão sem mais delongas e principalmente todo aluno tem o direito de saber porque obteve uma determinada nota ou conceito, sem represálias.

Dentre vários autores citados todos corroboram entre si, como mencionado acima, fortalecendo que na maioria das situações a avaliação é temida pelos educandos pela pressão psicológica que sofrem por parte dos professores, que na maioria do tempo não percebem a singularidade no aprender de cada estudante.

O real significado de aprendizagem e o papel do mediador de conhecimentos tem sido deveras esquecido ou simplesmente deixado de lado por comodismo, mesmo com tantos estudos mostrando no que isso acarreta no desenvolvimento acadêmico de cada educando e que tem se mostrado ineficaz quando estes têm que fazer as provas que testam seus conhecimentos, muitas vezes momentâneos, mas

não respeitam suas singularidades nem tampouco seu tempo e modo de representar o que realmente foi aprendido.

Segundo Demo (2009) a posição do professor deve ser mudada de transmissor para instrutor porque seu papel é de educar, formar. Seu desafio é de provocação, orientação, instigação e principalmente cuidado. Para o autor o cuidar da aprendizagem vai muito além da sala de aula, do aspecto racional lógico porque perpassa para a formação da personalidade humana como um todo.

Este estudo teve como finalidade mostrar novamente a verdadeira face da avaliação por meio de alguns autores selecionados que reafirmam que a avaliação não é a culpada pelo mal desempenho em sala de aula, mas sim os métodos que são utilizados entre os professores que se utilizam de técnicas obsoletas e caóticas, empobrecidas em sua essência e que não ousam, por comodidade, percorrer caminhos inovadores e significativos para obter resultado efetivo e sucesso entre ambos.

Hofmann (2013, p.148) afirma que “O melhor ambiente de aprendizagem, portanto, é rico em oportunidades de convivência, de diálogo, de desafios, de recursos de todas as ordens”.

## **5 CONCLUSÃO**

Essa pesquisa bibliográfica se propôs a desmistificar a avaliação da aprendizagem, sempre colocada como vilã no processo de aprendizagem, bem como mostrar sua importância na atualidade educacional, a qual pode-se verificar conforme os autores, que demonstram o que realmente o aluno precisa para ser conduzido para um aprendizado significativo, quais caminhos devem ser seguidos pelo professor, mas o mais importante de tudo é que se a avaliação deve ser realizada com equidade, para que o educando possa ter uma gama de conhecimentos dos quais este levará para vida social.

É certo que a escola e os professores têm papel fundamental na vida do aluno, já que a escola é uma extensão de casa e compartilha de vários conceitos fundamentais para se formar um cidadão crítico, singular, responsável, democrático, empático e único, capaz de mudar o mundo com os conhecimentos adquiridos não só em sala de aula, mas também na convivência de seu mediador de conhecimento.

Fica claro perceber que apesar de tantos autores e estudos publicados afirmando como a avaliação deve ser feita pelos professores para corroborar com o aluno de nada parece adiantar. Essa é uma questão bem antiga na verdade, assim como a questão de quantidade de conteúdos repetitivos que deveriam ser qualitativos como prevê a LDB, mas que na prática nem é lembrada.

Tão importante quanto fazer uma boa avaliação, para que o educando possa estar efetivamente inserido no contexto de sociedade onde se encontra é a autoavaliação e a meta avaliação entre a escola e o professor para que possam entender se os procedimentos utilizados estão impactando positivamente no aprendizado e desta forma, respeitando a singularidade de cada educando, visto que todos são diferentes e de realidades obviamente diferentes, o que implicaria não em respostas certas ou erradas, mas sim condizentes com a realidade em que vivem.

A sociedade exalta que um bom professor é aquele que consegue passar seus alunos na média através da tradicional avaliação, porém um professor inserido nas demandas atuais é aquele que consegue apresentar conhecimentos para seus alunos fazendo com que estes se questionem sobre o que estão aprendendo, vivenciem esse momento por meio de outros métodos avaliativos porque o que realmente importa para este professor não é a nota no final e sim, o caminho percorrido na aquisição dos conhecimentos necessários para que possa exercer sua cidadania onde se encontra.

Parece ser um tema repetitivo falar sobre avaliação, porém quando decidi escrever sobre ela foi porque queria entender a verdade escondida por trás dela, o real motivo desta nos assombrar, mas principalmente porque me recuso a aceitar que a avaliação é a culpada pelo medo que nos envolve todas as vezes que sabemos que seremos avaliados. A questão de saber o dia da avaliação ou se seria uma prova surpresa é praticamente a mesma coisa, ambas as ocasiões nos trazem um pavor misturado com estresse de que temos que dar o nosso melhor para conseguir uma excelente nota e que este número equivale ao que aprendi e não importa se fiquei horas estudando e me dediquei se eu tirar uma nota abaixo da média porque estava nervosa ela continuará sendo a mesma sem desculpas ou uma segunda chance.

Durante minha trajetória escolar, tive vários tipos de professores, em sua maioria usando o mesmo método tradicional de avaliação, independente da série, infelizmente. O que fica marcado em nossas vidas são aqueles professores que se esforçam de alguma maneira para nos ajudar quando se deparam com nossas

dificuldades, mesmo usando de métodos ultrapassados que já deveriam ser removidos e substituídos por outros mais eficazes e que são poucos. Existem ainda aqueles professores que se esforçam verdadeiramente e adaptam suas aulas para aqueles que sabem o conteúdo, mas que por algum motivo não foram bem no dia da avaliação e fazem, por exemplo, uma prova oral pois sabe que desse jeito o aluno vai se sentir mais seguro e mostrar que realmente esse mediador de conhecimento soube ensinar o caminho para esse educando.

O que eu senti quando decidi escrever sobre avaliação foi buscar respostas que me atormentaram durante toda a minha vida escolar e que por conta da idade eu não podia questionar nem tampouco seria ouvida. Os sentimentos de tristeza e decepção quando recebia aquela prova devolutiva pelas mãos da professora que mostravam algo que não era real, pois eu sabia do meu real valor, mas que no dia da avaliação não fui capaz de demonstrar e naquele momento não importava mais porque já estava lançada a nota e não seria mudada. Essa é uma coisa que acontece e muito, lamentavelmente, por conta de professores desatualizados que se recusam a inovar e que acabam dessa maneira prejudicando muitos alunos que não conseguem aprender desta forma e aumentando o índice de evasão escolar, visto que quando o educando está desmotivado este não quer mais frequentar a escola que deveria ser uma extensão da sua casa, mas que tem estado tão omissa quanto os professores que apenas querem passar de ano com seu método de decoreba.

O que realmente é significativo quando se fala em tudo isso é o impacto que a avaliação têm em nossas vidas e em que tipo de professor você quer ser. A certeza que tenho é que quero ser uma mediadora de conhecimento, transmitir tudo o que eu puder, jamais esquecer da singularidade do aluno, fazer da minha sala de aula um espaço onde esse aluno poderá ser compreendido dentro de suas limitações, mas acima de tudo não esquecer o real propósito em ser professor que é uma educação de qualidade a que todos tem direito garantido e merecem.



## REFERÊNCIAS

Brasil. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 05.10.1988. Brasília, 1988. Disponível em: <[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/566968/CF88\\_EC105\\_livro.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/566968/CF88_EC105_livro.pdf)> Acesso em: 24 de setembro de 2021.

Brasil. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-** Lei nº 9.394/96, de 20.12.1996. Brasília, 1996. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1AUrsJBkIIHSxEKJEig7r8FdW6t9JkJZ/view>> Acesso em: 24 de setembro de 2021.

DEMO, Pedro. **Ser professor é cuidar do que o aluno aprenda**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

DEPRESBITERIS, Léa. **Avaliação educacional em três atos**. 4 ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar: respeitar primeiro, educar depois**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. 11. ed. ver. e atual. ortogr. Porto Alegre: Mediação, 2009.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002

**Mito da Caverna**. Data de atualização: 19/10/2020. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/mito-da-caverna/>> Acesso em: 28/08/2021.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

**O que é Avaliação**. Data de atualização: 13/12/2013. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/avaliação>>. Acesso em: 11 de jun. de 2021.

**O que é mito**. Data de atualização: 08/06/2021. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/mito/>> Acesso em: 27/09/2021.

**Transdisciplinaridade: o que é e como aplicar na educação**. Data de atualização: 15/10/2012. Disponível em: <<https://canaldoensino.com.br/blog/transdisciplinaridade-o-que-e-e-como-aplicar-na-educacao>>

WERNECK, Hamilton. **Como ensinar bem e avaliar melhor**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.